

A Amazônia vai à Itália: o Museu Paraense Emílio Goeldi na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim (1911)

The Amazon goes to Italy: The Paraense Museum Emílio Goeldi at the Exhibition of Industries and Work in Turin (1911)

Anna Raquel de MATOS CASTRO¹

Resumo: Na Itália, o ano de 1911 foi marcado por intensas comemorações em razão dos cinquenta anos do reino italiano. As festas daquele jubileu ocorreram nas cidades de Turim, Roma, Milão e Florença, e foram marcadas por extensa programação que tinha como propósito mostrar ao mundo a ascensão social, política e econômica da Itália após um crítico período de instabilidade nacional. A Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim foi uma das principais atrações daqueles festejos, com temática voltada para o desenvolvimento econômico a partir das atividades industriais. O Brasil participou da referida exposição, embora, neste mesmo período, estivesse enfrentando o colapso econômico com seus dois principais produtos de exportação: o café, oriundo do Oeste paulista, e a borracha do Norte, mais especificamente da região amazônica (Pará e Amazonas). No entanto, mesmo diante das dificuldades econômicas enfrentadas, foi no evento de Turim que o estado do Pará obteve o melhor desempenho em exposições internacionais até o início do século XX e, para atingir tal resultado, contou com o apoio da primeira instituição científica da Amazônia: o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Palavras-chave: Amazônia, Itália, Exposição de Turim, Museu Paraense Emílio Goeldi.

Abstract: In Italy, the year 1911 was marked by intense celebrations due to the fiftieth anniversary of the Italian kingdom. The festivities of that jubilee took place in the cities of Turin, Rome, Milan and Florence, and were marked by an extensive program that aimed to show the world the social, political and economic rise of Italy after a critical period of national instability. The Exhibition of Industries and Labor in Turin was one of the main attractions of those festivities, with a theme focused on the economic development from industrial activities. Brazil participated in the referred to exhibition, although, in this same period, it was facing the economic collapse with its two main export products: coffee, coming from the West São Paulo, and rubber from the North, more specifically from the Amazon region (Pará and Amazon). However, despite the economic difficulties faced, it was in the event in Turin that the state of Pará obtained the best performance in international exhibitions until the beginning of the 20th century and, in order to achieve this result, it had the support of the first scientific institution in the Amazon: The Paraense Museum Emílio Goeldi.

Keywords: Amazon, Italy, Turin Exhibition, Paraense Museum Emílio Goeldi.

Recibido: 07 de febrero de 2022 Aceptado: 09 de junio de 2022

¹ Brasileira. Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora efetiva na Secretaria de Estado de Educação (SEDUC – Pará). annaraquelcastro@yahoo.com.br

Introdução

Na virada do século XIX para o século XX, a região amazônica brasileira vivia o auge da sua economia, tendo como principal produto de exportação a borracha. Tal período, conhecido como *belle époque*, foi marcado por transformações na concepção de espaço urbano, nos hábitos e nos costumes que fizeram parte daquele contexto, agregando características próximas ao que de mais moderno existia nos países ditos civilizados: calçamento e arborização das principais avenidas, serviços de higiene, transporte urbano, eletricidade, estradas de ferro, linhas de comunicação terrestres, submarinas, entre outros aspectos. A “bela época” vivenciada por cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus e Belém foi o reflexo de transformações ocorridas, sobretudo no continente europeu, fruto do advento e avanço do sistema econômico capitalista ao final do XIX, que culminou em mudanças que foram determinantes para a economia mundial e assentou as bases do modelo político-econômico imperialista (Castro, 2021).

Para o historiador Geraldo Mártires Coelho (2011), o período a que denominamos *belle époque* por muito tempo fez parte do pensamento social como uma espécie de contexto mitológico, e construiu representações que posteriormente foram “mundializadas”², sendo a Europa, mais especificamente a Paris de fins do século XIX, o modelo mais significativo de tais representações, com sua forma de vida “requintada, elegante, culta e civilizada”, a qual produzira imagens de uma “Idade de Ouro da vida social”. Esse caráter mítico que permeou o contexto da virada de século em algumas cidades brasileiras, está associado à ideia da possibilidade de civilizar-se, alimentando no país um forte imaginário acerca do progresso e da civilização que, supostamente, se estabeleceu no Brasil na condição de universal. Neste sentido, a ideologia com bases na europeização e branqueamento nacional, e que permeava as mentalidades, sobretudo das elites urbanas no Brasil, teve na *belle époque* a oportunidade de empenhar-se ainda mais para construir o almejado “país real”, “cujas estruturas fundadoras encontravam-se no país imaginário” (Coelho, 2011: 141-143).

A compreensão deste período histórico vivenciado na Europa e que inspirou algumas cidades brasileiras, perpassa pelo entendimento das ideias de progresso, civilização e modernidade, as quais eram parte do pensamento social naquele contexto. Tais ideias estavam geralmente associadas a aspectos relacionados ao aperfeiçoamento, tanto das técnicas de trabalho na virada de século – visando o melhoramento material –, quanto do comportamento social, cuja necessidade de evitar o desordenamento e manter a ordem hierárquica era latente (Cribelli, 2007).

Para Margarida de Souza Neves (1988), as percepções de progresso, civilização e modernidade são marcadas, neste período, por um otimismo quase que religioso, na medida em que é na ideia de progresso que se encontra “a explicação última da história, que legitima a necessidade do passado e a ordem do presente”, além de apontar para “uma parusia terrena, onde todos os povos do globo seriam finalmente atraídos para a seara da civilização” (Neves, 1988). Segundo a autora, “as bases teóricas dessa ideologia têm por fundamento o binômio progresso = civilização”, sendo as exposições internacionais um dos símbolos da materialização desta ideologia. Ainda de acordo com Neves, a relação entre progresso e civilização é intrínseca, na qual a primeira pressupõe a segunda, e vice-versa. Neste sentido, Neves nos mostra que as exposições compreendidas enquanto

² Segundo o autor: “No caso da mundialização dos processos inerentes ao modo de produção capitalista – fontes de matérias-primas, mercados, mãos-de-obra e suporte do capital financeiro – seu desenvolvimento ocorreu sobre realidades sociais e figurações históricas já incorporadas à dinâmica da economia europeia moderna desde a era do Mercantilismo. Por conta dessa agregação de condições materiais e culturais já historicamente consolidadas, no caso específico da *belle époque*, a expansão, a mundialização da cultura burguesa a partir dos centros hegemônicos do capital foi mais dinâmica e abrangente. Pelos canais de circulação do capital circulava, igualmente, o discurso do Progresso e da Civilização, na forma das muitas representações assumidas por esse mesmo discurso, inclusive as próprias do seu capital simbólico” (Coelho, 2011: 144-145).

materializações desta relação simultânea também possuem caráter modelador do comportamento social, uma vez que a partir dos já mencionados pressupostos de progresso e civilização, elas “expõem e impõem” um novo padrão de vida em sociedade exigido pelo contexto da modernidade em voga: disciplinado, culto, instruído e que atribui ao trabalho o papel de “pilar” fundamental para o progresso das sociedades.

Os papéis desempenhados pelas nações participantes das exposições, que as dividiam em “civilizadas” e “não-civilizadas”, “primitivas” ou “atrasadas”, perpetuou-se por vários anos nos mais variados formatos destes eventos, acirrando a competitividade, estimulando as negociações e reafirmando uma das características principais destes certames: a exibição de grandes “mostruários do progresso mundial”, cujas seções de indústrias, maquinários, inventos, tecnologias, ou qualquer outra denominação classificatória atribuída ao segmento de desenvolvimento industrial, eram, em sua maioria, os fatores determinantes do grau de progresso e modernidade de cada país.

O desenvolvimento científico também era um dos “critérios” para atribuir a determinada nação a qualificação que poderia considerá-la ou não como dotada de civilidade e, portanto, habilitada para adentrar no seletivo grupo das sociedades modernas do início do século XX. Levar para as exposições mostruários representativos de instituições científicas, publicações especializadas, inventos, tecnologias e mesmo o próprio cientista como representante do país ou dos estados, funcionava como ação estratégica para a formação de uma imagem positiva da nação.

A participação brasileira na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim, no ano de 1911, contou com esta estratégia para formar uma boa imagem nacional: levar instituições científicas e seus cientistas para representar o país no exterior. Neste contexto, merece destaque a região amazônica, mais especificamente o estado do Pará, que à época, mesmo enfrentando um colapso econômico em virtude das baixas na exportação da borracha regional, obteve a sua melhor representação em exposições internacionais. Para tanto, teve como instituição colaboradora o Museu Paraense Emílio Goeldi e o seu diretor, o botânico Jacques Huber, como “peças” fundamentais para a sua bem-sucedida representação.

Para uma “máxima representação”: os preparativos do estado do Pará para a Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim

Em setembro de 1910, o governador do estado do Pará, João Coelho, dava início, oficialmente, aos preparativos para a representação estadual em Turim. Por meio de uma carta-circular, o governador convocara os intendentess³ à mobilização local para uma representação significativa do estado naquela exposição internacional. A articulação com o interior do estado estava entre as primeiras providências a serem tomadas, tendo em vista a participação do Pará na exposição. Neste sentido, era necessário que tal convocação se desse com brevidade, para que o envio dos produtos para a capital Belém, e posteriormente a sua seleção e envio para o Rio de Janeiro até o destino final em Turim, ocorresse em tempo hábil, uma vez que o período entre os preparativos e a abertura da exposição mostrava-se um tanto quanto exíguo para que uma “máxima representação” pudesse ser organizada. Para tanto, havia a necessidade de uma eficiente ação política recrutando os intendentess do interior à participação, objetivando fazer uma “valiosa propaganda do Pará no estrangeiro”.

Após o recebimento do convite enviado pelo governo italiano, o governador do Pará buscou nomes para compor a comissão que viria a organizar a participação estadual no certame. Tal comissão deveria ser, preferencialmente, formada por pessoas que possuíam algum reconhecimento social, seja pelos seus trabalhos (intelectuais), seja pela sua posição social (políticos, comerciantes,

³ O que corresponderia hoje aos prefeitos municipais.

empresários), ou pela sua “linhagem” familiar. Estes, após serem convidados oficialmente pelo governo, passavam a reunir-se com certa frequência para a tomada de decisões sobre os contornos que a representação paraense deveria tomar antes de chegar a Turim. Como é notório, a escolha dos integrantes do “comitê estadual” tinha como critério o prestígio social ou político, condição que deveria estar diretamente associada aos sujeitos que compunham as elites política, intelectual e econômica da região. Invariavelmente, tal “exigência” estava relacionada com a imagem que se pretendia construir para a representação estadual no exterior.

Os membros selecionados para compor a comissão organizadora no interior do estado do Pará foram, em geral, os intendentos municipais, comerciantes, proprietários de terras ou moradores que possuíam ou tinham o conhecimento local sobre objetos, produtos e amostras que julgavam interessantes para serem exibidos. Em Belém, o comitê era formado por políticos, pessoas ligadas ao comércio e intelectuais, configurando o que se entendia como elite local. De acordo com a historiadora Luciana Marinho Batista (2004), nos séculos XVIII e XIX, no Pará, as esferas econômicas e políticas não estavam separadas. Tal conexão era essencial para o delineamento do que a autora chama de “elite tradicional”, a qual tinha suas ações motivadas pela conquista e/ou manutenção de prestígio social.

As “alianças sociais” estabelecidas no âmbito econômico e a manutenção da hierarquia social tiveram continuidade no século XX, em especial visando a conservação das boas relações para o acesso à vida política, para o acúmulo de patrimônio e riqueza, e/ou para o alcance do *status* social almejado. Esses aspectos, ainda segundo Batista, eram comuns nas sociedades pré-industriais, incluindo o Brasil, pelo menos desde o período colonial (BATISTA, 2004: 163). Neste sentido, o Pará do início do século XX, ainda vivenciando os efeitos do auge da “era da borracha”, não ficava indiferente a estas práticas sociais.

Neste contexto, destaca-se a presença de uma parcela da elite local, aqui denominada “elite intelectual”. Sobre este grupo, a historiadora Anna Carolina Coelho (2015) defende a ideia de que desempenhou papel fundamental na virada do século XIX para o XX, no que diz respeito à busca por uma ampliação das relações com locais considerados centros da civilidade, para além dos interesses econômicos/comerciais. Coelho sustenta o argumento de que tal elite intelectual, tendo em vista a tentativa de explicar a realidade do país, buscava fundamentar seus questionamentos nas teorias científicas e correntes literárias europeias. No entanto, “as respostas que buscavam significavam menos uma resposta às necessidades estruturais e mais o desejo de se criar no Brasil condições para elevá-lo à condição de uma nação civilizada” (Coelho, 2015: 95).

Inicialmente, a comissão responsável pela representação do Pará em Turim contava com 29 membros⁴, entre os quais estavam Inocêncio Hollanda de Lima presidente da comissão e secretário de Obras Públicas, Terras e Viação; Barão de Sousa Lages, vice-presidente da comissão, de família paraense residente em Lisboa; João Antônio Rodrigues Martins, Cônsul Geral do Brasil na Itália e membro de tradicional família paraense; o engenheiro Palma Muniz; José Ferreira Teixeira, chefe da 4ª seção de Agricultura e proprietário de terras no Marajó; senador Antonio José de Pinho, político; Jayme Pombo da Gama e Abreu, filho do Barão de Marajó⁵; Cezar Santos, farmacêutico

⁴ No decorrer dos preparativos para a exposição, tal configuração da comissão organizadora sofreu alterações. Alguns membros solicitaram dispensa dos trabalhos da comissão, outros foram integrados a mesma, conforme mostrou parte da documentação pesquisada.

⁵ “José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó, formou-se em filosofia pela Universidade de Coimbra, tornando-se respeitado no círculo intelectual português, inclusive com biografias publicadas na imprensa. Pertencia a uma família rica e com certa tradição no Pará, cujo poder aquisitivo e status foi aumentando com o seu casamento com Maria Pombo Brício. Foi um homem que soube se manter no poder ao longo de sua vida desempenhando diferentes cargos públicos durante o período imperial e republicano. Iniciou a carreira em 1855 como diretor de Obras Públicas no Pará, foi presidente das províncias do Pará e Amazonas e deputado. Era amigo do Imperador D. Pedro II, mas isso não impediu que

reconhecido na cidade; Jacques Huber, diretor do Museu Goeldi, entre outros (Sanjad; Castro, 2016; Batista, 2004). Os integrantes do referido grupo tinham como tarefas arrecadar e selecionar os produtos ofertados pelas localidades do interior e também pelos moradores da capital, obedecendo aos critérios da categoria na qual pretendiam concorrer na exposição. Além disso, desempenhavam o papel de articuladores com os possíveis interessados em colaborar com a representação do Pará, ou mesmo em relação às negociações comerciais que envolviam os produtos paraenses; além da organização estética dos mostruários que comportariam a produção regional.

Vale ressaltar a criação de “comissões parciais” que integravam a grande comissão representativa do Pará, tanto na capital como no interior. Tratava-se da divisão em subgrupos dos membros que compunham a comissão oficial, no intuito de fragmentar em categorias as equipes de arrecadação de produtos, como uma forma de facilitar os trabalhos, descentralizando as tarefas e dinamizando as atividades preparatórias. Muitas vezes um mesmo membro fazia parte de vários destes “subgrupos”, acabando por lhe serem atribuídas várias responsabilidades de cunho organizacional, como era o caso do botânico e diretor do Museu Goeldi, Jacques Huber. Além de estar entre os membros da comissão parcial de agricultura e indústria extrativa, Huber também ficou responsável por tratar de modelos dos vidros a serem importados da Europa para o acondicionamento de vários produtos⁶; pela tradução do programa oficial do certame; pela produção de uma monografia sobre vegetais paraenses, a qual deveria ser editada em francês e italiano⁷, entre outras atribuições.

Nota-se que a presença destes membros da elite local no grupo que estaria à frente do planejamento da exposição paraense na Itália, para além da “aptidão” em relação a áreas específicas que permeavam a organização do evento, também facilitaria o estabelecimento de articulações políticas e comerciais com aquele país e os demais participantes, uma vez que preenchiam alguns “critérios” necessários para a ocupação do posto: o gosto refinado para a escolha e organização dos artigos que seriam expostos; o conhecimento aprofundado dos temas relacionados à Amazônia, sobretudo os que se referiam à borracha; a atualização dos assuntos relativos ao mundo europeu, entre outros aspectos, seriam fatores contribuintes para o que se considerava uma boa representação no certame.

As “Instruções” para uma representação digna do Pará e da Amazônia em Turim

Pensar e executar a representação do estado não era tarefa simples, sobretudo porque o objetivo era construir uma boa imagem do Pará e da região amazônica em suas dimensões políticas, econômicas e sociais, visando a expansão dos seus mercados. O estabelecimento de “regras” compatíveis com a ideia de um estado e uma região com produção que despertasse o interesse dos “centros industriais” europeus se fazia necessário para conceber o que se pode chamar de “estruturação imagética” do vantajoso mercado paraense e amazônico.

Não tardou para que, a comissão paraense criasse normas que regulamentariam o que deveria ser exposto. Um documento de referência foi escrito, intitulado “Instruções preliminares para a escolha dos produtos paraenses destinados à Exposição de Turim (1911)”, que oficializava aos

se tornasse o primeiro intendente republicano da cidade de Belém, escolhido pessoalmente pelo governador Lauro Sodré. Terminou sua carreira como Senador estadual em 1906, o ano de sua morte. Divulgador dos interesses da Amazônia na Europa, foi representante do Pará na Exposição Universal de Paris (1889) e na Exposição Universal de Chicago (1893)” (Coelho, 2015: 21).

⁶ A Província do Pará, 03/08/1910, nº10.875, p. 01, col. 07. “O Pará em Turim”.

⁷ A Província do Pará, 14/08/1910, nº10.896, p. 01, col. 04. “O Pará em Turim”.

interessados em participar do evento, quais parâmetros seriam adotados na seleção dos produtos, considerando as quantidades, as dimensões, a aparência, o potencial exportador e as possíveis boas impressões que poderiam fazer no estrangeiro.

De acordo com as “Instruções”, os produtos que já eram exportados para a Europa ou que poderiam lá desenvolver seu potencial exportador seriam: borracha, castanha, cacau, cumaru, madeiras, óleo de copaíba, plantas medicinais, peles de animais, grude de peixe etc; os quais deveriam ser encaminhados em quantidade suficiente para servirem à experiências industriais nos países interessados (Instruções..., [1911?]). As madeiras, de acordo com este mesmo documento, deveriam seguir uma espécie de padronização no mostruário paraense em Turim, como, por exemplo, mandar para a Itália amostras que possam dar ao menos duas tábuas de 30 cm de comprimento, 10 cm de largura e 2 cm de grossura. Além disso, enviar as madeiras mais preciosas e mais bonitas em toros de 1,20 m de comprimento ou, quando em diâmetro de madeira excede de meio metro, e em rodela de 20 centímetros de altura mais ou menos. Liga-se mais importância a beleza e tamanho das amostras do que o número das espécies apresentadas (Instruções..., [1911?]).

Provavelmente por serem produtos já exportados para a Europa e, portanto, já de conhecimento no exterior, a “beleza e tamanho das amostras” de madeira seriam mais importantes do que a variedade de espécies. Vale ressaltar, que as madeiras figuraram entre os produtos paraenses mais elogiados em Turim. No entanto, outra estratégia diferenciada foi pensada para a elaboração da imagem dos produtos que ainda não possuíam circulação nos países europeus, os quais poderiam ser produzidos em quantidade suficiente para fins de exportação. Entre estes produtos estavam: diversas cascas de vegetais da região, fibras, painas, óleos, resinas, cascas e madeiras aromáticas, assim como diversos produtos agrícolas: tabaco, farinha, algodão, conservas de frutos, molhos etc. (Instruções..., [1911?]).

Outro aspecto retratado nas “Instruções” era a necessidade dos produtos darem boa ideia das condições gerais do país e do seu grau de civilização. Isso deveria ser feito por meio de publicações científicas, fotografias relacionadas a paisagem urbana, a apresentação de estabelecimentos voltados para o ensino e para a ciência, quadros estatísticos, e produtos industriais, os quais, segundo o documento, apesar de não serem destinados à exportação, mostram, entretanto, o adiantamento do país e podem atrair a atividade industrial e imigrantes espontâneos, tanto os nacionais como, preferencialmente, os europeus. (Instruções..., [1911?]).

Neste sentido, a análise das “Instruções” nos traz alguns aspectos nela evidenciados, e que são importantes para compreender os objetivos da participação paraense na Itália: 1) os produtos já exportados e os produtos com potencial para exportação; 2) a padronização destes produtos, no intuito de destacar sua “beleza” e “tamanho”; 3) artigos que demonstrassem em que “grau de civilização” estaria o Pará em meio ao “concerto das nações civilizadas”, e que poderiam ser notados através de fotos, publicações científicas, estatísticas, entre outros; além dos “produtos industriais” e da política de imigração. Assim, sendo as exposições um “fenômeno de visualidade, com grande poder de difusão das imagens”, como nos lembra Barbuy (1999), a necessidade de “regulamentação” para o que seria exposto era justificável, assim como a preocupação com a imagem de modernidade, progresso e civilidade que os produtos deveriam portar, embora estes também pudessem ser considerados como parte de uma “construção ilusória”, como bem esclarece a autora⁸.

⁸ De acordo com Heloísa Barbuy, “Aquilo que se consideram as qualidades da sociedade industrial é veiculado na Exposição. Daí a elaboração de ‘reconstituições autênticas’ como afirmação da capacidade da sociedade industrial de produzir o que bem quiser, inclusive ilusionisticamente, e como traço de superioridade sobre as épocas anteriores (Barbuy, 1999: 52).

A produção paraense com destino à Itália

Os produtos do estado do Pará destinados à exposição de Turim surpreenderam os organizadores da representação estadual, tamanha quantidade e diversidade de artigos a serem selecionados para figurarem na Europa. Entre os que tiveram destaque durante a seleção para a exposição, seja pela singularidade, qualidade, curiosidade que poderia despertar no público ou pelo potencial econômico, estavam os que refletiam o tipo de produção do estado oriunda, em grande parte, da atividade extrativa característica do início do século XX: amostras de vários tipos de farinha (d'água, amarela, de tapioca, branca, seca); óleos; doces e compotas de frutas; tabacos; fibras; preparados farmacêuticos; madeiras; artigos indígenas; cigarros; bebidas; doces finos; vestimentas; minerais; sementes; frutas; couros de animais; flores; ervas aromáticas; perfumes e loções; sabonetes; molhos derivados da pimenta e do tucupi; lamparinas, bules e panelas; e peles de borracha de todas as qualidades. Tais produtos, em sua maioria, eram originários do interior paraense, sendo a maior parcela com bases no extrativismo vegetal e na agricultura, e em menor expressão, no extrativismo mineral, realizado, principalmente, na região do Tapajós e Baixo Amazonas. Nota-se que, nos “sertões” paraenses, mesmo em tempos de significativa relevância da economia da borracha, outras atividades extrativas e a agricultura eram bastante impulsionadas enquanto produção local. Vale destacar que era do interior paraense que provinha grande parte do abastecimento da capital, em especial no que tange aos gêneros alimentícios. Muitos destes produtos foram oferecidos para compor a exposição italiana, como forma de mostrar o seu potencial econômico e também de caracterizar a cultura alimentar da região. Outros produtos que também se destacaram no quadro de ofertas para Turim foram o arroz, o cacau, as cachaças, as plantas medicinais, entre outros. Tal destaque desmistifica a “exclusividade” da borracha enquanto produto econômico regional em fins do século XIX e início do XX, contrariando, desta forma, a historiografia mais conservadora sobre o assunto. No entanto, embora não fosse o produto econômico “exclusivo” da região no período, é inegável o papel de liderança que ocupara por alguns anos no mercado nacional e internacional, neste mesmo período.

De acordo com Goretta Tavares (2008), os municípios paraenses que mais se destacaram na exploração da borracha em fins do século XIX foram Breves, Anajás, Melgaço e Gurupá. Após esse período, expandiram-se para o oeste da região em direção ao baixo rio Xingu, baixo Tapajós e para o estado do Amazonas (rios Solimões, Madeira, Purus e Juruá), onde as condições de navegabilidade eram melhores (Tavares, 2008: 65). Ressalta-se que, para o período, as oscilações nas exportações da borracha eram constantes, sobretudo entre os anos de 1900 e 1910. Segundo Moacyr Silva (1996), foi a partir de 1911, ano da exposição italiana, que se iniciou uma baixa considerável no volume das exportações, originando-se aí a perda do monopólio da borracha no mercado externo (Silva, 1996: 195-196; Castro, 2013: 7).

Comparando os artigos oriundos dos interiores do Pará para a exposição com as ofertas feitas pela capital Belém, nota-se uma significativa mudança em relação aos produtos e às formas de produção. Os produtos arrecadados na capital, originavam-se das fábricas e de estabelecimentos comerciais, além da produção intelectual de estudiosos e instituições, como as publicações do Museu Goeldi, os trabalhos do engenheiro Palma Muniz e os trabalhos fotográficos de Eduardo Oliveira. Em destaque, como produtos de “origem urbana”, tem-se a fabricação de bebidas, tais como refrigerantes, licores, vinhos e cidras⁹. Além delas, também se destacam os produtos farmacêuticos: loções, sabonetes, pílulas, tônicos, xaropes, os quais traziam consigo o discurso fundamentado em promessas de cura para dores, febres e outras “doenças da floresta”, como a

⁹ Essa linha de produção tinha como representante emblemático na capital a Fábrica de Cerveja Paraense.

malária. Tais produtos, que tinham como matéria-prima as plantas medicinais encontradas no interior do estado, passavam por processos químicos para, depois, serem comercializados, demonstrando assim as alterações em sua forma de produção, agora não mais consideradas rústicas.

Neste sentido, a comparação entre a produção do interior e a produção da capital do estado nos revela a variação e o aprimoramento da produção paraense, sendo os artigos originados nos “sertões” caracterizados por meios de produção mais rústicos, com base na atividade extrativa e agrícola; e a produtos da área urbana, que, embora ainda possuíssem características da “rusticidade” da produção dos municípios mais afastados de Belém, também demonstrava avanços técnicos, como a indústria química, a pequena produção fabril, e algumas tecnologias para o aperfeiçoamento produtivo, além da produção intelectual.

O Museu Paraense em Turim: ciência, política e propaganda

Com a manchete “O Jubileu Italiano: o primeiro dia das festas em Turim”, o jornal O Estado de São Paulo, do mês de maio de 1911, dedicou parte de sua primeira página aos detalhes que compuseram os meses de festejos em comemoração aos 50 anos do Reino da Itália, os quais ocorreram nas cidades de Turim, Roma, Milão e Florença. Com descrição empolgante, o jornal retratou a vasta programação que fazia parte daquela celebração, a qual incluía “grandes manifestações patrióticas”, demonstradas por meio de homenagens públicas de diversos setores da sociedade italiana; eventos esportivos; inaugurações; visitas do Rei Vittorio Emanuele às cidades; banquetes; e exposições. Entre os destaques que tiveram espaço no periódico, têm-se: o concurso de hipismo em Roma; a inauguração do “Stadium” de Turim; a “corrida podística” em Milão; o cortejo de estudantes e membros da União Liberal em homenagem à Itália e à Família Real pelas ruas de Turim; visitas do rei Victor Manuel III e da Rainha Helena aos quartéis e bairros populosos desta última cidade; a inauguração da Exposição de Belas Artes em Roma e da Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim.

A intensa comemoração a que se propôs aquele país foi motivada por fatores que decorreram de questões políticas, sociais e econômicas da Itália em fins do século XIX, período este marcado por grandes agitações no campo político e por uma crise social, esta última em virtude dos altos índices de desemprego que o país enfrentara. De acordo com Nelson Sanjad e Anna Castro (2015), o início do século XX foi para a Itália o momento de superação das dificuldades econômicas e dos conflitos políticos, em especial no que se refere à dissonância entre os liberais, representando a classe dirigente, e o avanço do Partido Socialista italiano, ocasionando não só a fragilização do liberalismo, como também da monarquia. Neste sentido, a comemoração tinha como propósito mostrar ao mundo uma Itália que ascendia social, econômica e politicamente após o crítico período de instabilidade nacional. Além disso, era importante para a nação italiana apresentar-se enquanto potência mundial, em especial nos campos da indústria e do militarismo, uma vez que o ano de 1911 estava inserido no contexto que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. O acirramento das tensões internacionais não ficou despercebido durante a grande festa italiana, na medida em que alguns países que participaram do conflito expuseram em Turim, tal como um prenúncio, toda a sua predisposição e preparo para o possível embate¹⁰.

¹⁰ De acordo com Sanjad e Castro: “pela primeira vez na história das exposições internacionais, um país participante – Alemanha – fez clara afronta aos demais ao exibir grande quantidade de armas sob uma cúpula de 42 metros de altura encimada com a coroa imperial. Outro fator mostrou que algo não ia bem naquela ‘arena pacífica’: o Pavilhão da Turquia foi fechado em setembro de 1911, quando a Itália declarou guerra ao país em razão da disputa pela Cirenaica e Tripolitânia (atual Líbia)” (Op.cit., p. 821).

Para além do caráter comemorativo, a Exposição de Turim tinha manifesta essência comercial, mais especificamente voltada para o desenvolvimento da economia por meio da indústria, como a sua própria denominação já evidenciara, o que fazia com que a mesma – assim como outras exposições do século XX – se tornasse pauta política de países como, por exemplo, o Brasil, o qual passara por períodos de instabilidade econômica em relação à comercialização de produtos como o café e a borracha amazônica no exterior. O certame seria a oportunidade para o estabelecimento de relações comerciais com outros países, na tentativa de conquistar novos consumidores para os produtos que se encontravam em baixa no mercado internacional. (Sanjad; Castro, 2015: 830). A exposição deveria reunir todos os ramos do setor industrial e que eram conhecidos no início do século XX. A ideia seria mostrar todos os processos integrantes das atividades industriais, começando pela matéria prima utilizada, passando pelos processos e pelas tecnologias industriais, pelas questões logísticas e comerciais e ao final, retratando os reflexos da atividade na sociedade. (Castro, 2021; Sanjad; Castro, 2016).

A compreensão da relevância da participação do Museu Paraense Emílio Goeldi na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim, demanda o entendimento do que foram os últimos anos que antecederam o grande evento italiano também para a economia amazônica, em especial, a situação da borracha regional no mercado internacional: períodos de constante instabilidade no que concerne à exportação do produto, até o irreversível colapso econômico no ano de 1911, tendo como a sua principal causa a concorrência com a produção da borracha asiática, que contribuiu para a quebra do monopólio amazônico em relação à exportação do produto.

De acordo com Warren Dean (1989), as primeiras tentativas de domesticação das árvores produtoras de borracha (*Hevea brasiliensis*) datam de 1876, quando um carregamento com mais de 1.500 mudas de seringueiras chegou ao Ceilão, colônia inglesa na Ásia e território considerado favorável para a aclimação dessa espécie. Em 1882 a *Hevea* começou a produzir sementes, aumentando a cada ano a quantidade destas. Em 1881, começaram a ser realizadas as primeiras experiências de extração do látex, o que contribuiu, desde então, para transformar os principais países asiáticos em um grande campo de cultura experimental de árvores produtoras de borracha. O cidadão britânico Henry Wickham (1846-1928), que morava há algum tempo em Santarém, município paraense, é apontado como o responsável por levar as sementes de hevea do Pará para a Inglaterra, as quais teriam fornecido a base genética para a produção de borracha nas colônias asiáticas (Dean, 1989: 54-56; Grandin, 2010: 44-45; Castro, 2013).

Diante do exposto, evidencia-se que na virada do século XIX para o XX, a borracha se tornou o centro de inúmeras investigações, tanto no Brasil como no exterior, relacionadas a sua produção e aos lucros resultantes da mesma, tanto por parte de instituições científicas e seus cientistas, como também pela elite política e econômica regional. Fez parte deste contexto o Museu Paraense Emílio Goeldi, em especial no período em que foi dirigido pelo botânico suíço Jacques Huber, entre os anos de 1907 e 1914.

Jacques Huber era natural do cantão de Schaffhausen, na fronteira entre a Suíça e a Alemanha. Na juventude, decidiu seguir a carreira acadêmica no curso de Ciências Naturais na Universidade da Basiléia. Contudo, Huber desenvolveu sua tese no Instituto de Botânica da Universidade de Montpellier, na França, onde morou entre 1890 e 1893, sendo este último ano o de conclusão do seu doutorado, com um estudo sobre algas. A partir de sua chegada ao Pará, em 1895, seus trabalhos de pesquisa passam a seguir outros rumos, os quais acabaram o levando ao reconhecimento internacional em pouco tempo. O cientista chegou a Belém através do convite do zoólogo e diretor do Museu Paraense, o também suíço Emílio Augusto Goeldi (1859-1917). Foi contratado durante a reestruturação institucional proposta por este último e que tinha como objetivo fazer daquela instituição uma “verdadeira colônia científica” (Goeldi, 1897: 7).

De acordo com Nelson Sanjad (2010), entre as premissas para a reestruturação do Museu enquanto instituição científica estava a contratação de pesquisadores de origem centro-europeia, selecionados a partir do círculo de relações pessoais, acadêmicas e científicas de Emilio Goeldi (Sanjad, 2010: 204). Mais uma vez fica evidente a influência europeia enquanto modelo a ser seguido pelos diversos setores políticos e sociais na virada do século XIX para o XX no Brasil. No Pará, um europeu foi nomeado para dirigir a primeira instituição científica do norte do Brasil e, inevitavelmente, a tentativa de aplicação do molde científico da Europa seria posta em prática.

Tal contexto está relacionado com o período de valorização da ciência e da figura do cientista, especialmente em fins do século XIX, quando as especializações científicas ganham destaque, e as ciências naturais passam por um momento de divisão em áreas de estudos ou disciplinas (zoologia, botânica, geologia). Huber fez parte deste contexto de enaltecimento científico, pelo qual também passaram o Brasil e o estado do Pará. Além disso, com a valorização da borracha no mercado internacional, a cidade de Belém tornou-se outro atrativo para estrangeiros na região. Foi em meio a esse contexto do boom gomífero na Amazônia que Huber mudou a sua perspectiva em torno dos estudos botânicos, passando a se interessar pelas árvores produtoras de látex e por outros aspectos da flora regional.

Foram as suas pesquisas sobre as árvores produtoras de borracha que projetaram Jacques Huber em meio aos seus pares estrangeiros. Como resultado de seu trabalho e de seu reconhecimento dentro e fora do país, o botânico passou a representar o Museu Paraense e o estado do Pará em diversas exposições no exterior, sendo os seus conhecimentos sobre a borracha e o processo de produção da mesma os assuntos que o levavam a esses eventos (Sanjad, 2003; Cunha, 2009; Castro; Sanjad; Romeiro, 2009; Castro, 2013).

Com desempenho bastante elogiado pelo então diretor Emilio Goeldi, Jacques Huber foi indicado pelo mesmo para sucedê-lo na direção da instituição, uma vez que, no ano de 1907, o zoólogo decidiu retornar com sua família para a Europa. Com a indicação aceita por Augusto Montenegro, à época governador estado, Huber assumiu a direção do Museu em 21 de março de 1907 (Aviso-circular..., 1907). A partir desta data o botânico ganhou ainda maior projeção científica e conquistou significativo status social, sobretudo entre a elite política e intelectual da região amazônica, passando a ser mencionado constantemente nos relatórios governamentais e incumbido pelos chefes do governo para representar o Pará nos grandes eventos expositivos, por anos consecutivos.

A presença de intelectuais nas exposições – como o caso de Jacques Huber – atestava claramente a relação entre o trabalho científico/técnico e os interesses políticos. Os produtos exibidos nas vitrines exigiam um conhecimento acurado, sobretudo para serem divulgados de forma convincente ao público e, posteriormente, comercializados com êxito. Neste sentido, a boa representação do estado era também subsidiada pela instituição científica. Como parte de um jogo de trocas, o governo estadual não poupou investimentos para que o Museu Paraense, representado pelo seu diretor, figurasse com destaque nas exposições. Na mesma medida, a participação de Huber como delegado estadual rendeu-lhe significativo status enquanto cientista, além de lhe impor, inevitavelmente, responsabilidades políticas, resultando na sua constante convocação para prestar serviços sobre questões voltadas para a indústria da borracha. Esta colaboração contínua do botânico com o governo do estado em suas várias gestões no início do século XX, foi importante para legitimar decisões políticas para o setor econômico do período, sempre respaldadas no discurso científico, em especial, toda e qualquer ação governamental relacionada à borracha em tempos de colapso econômico.

Para a Exposição de Turim, Huber foi convidado pelo governo para compor a delegação do Estado do Pará, no entanto, tal posto ocupado pelo botânico exigira muito mais do que uma representação formal: o diretor do Museu Goeldi tinha responsabilidades que iam desde a

arrumação dos mostruários paraenses, até o papel diplomático de representar o estado do Pará e participar diretamente das negociações comerciais dos produtos regionais com os países interessados (Castro, 2021; 2013). Não se pode esquecer que os produtos paraenses estavam submetidos ao julgamento, em caráter competitivo, por um grupo de especialistas, buscando de alguma forma o reconhecimento internacional de seu valor, fato este que outorgaria à produção paraense certo status em meio às nações civilizadas, aumentando as chances do estabelecimento de boas relações comerciais com outros países.

Fazia parte da estratégia para conseguir boas premiações a indicação de pessoas para integrarem o júri, conforme os interesses de cada país. O Brasil, por meio do seu comissário geral Costa Sena, conseguiu com sucesso colocar em prática tal estratégia: Jacques Huber ocupou a posição de presidente das classes 79 e 80 (economia florestal) e o seu amigo e também representante paraense, Jayme Abreu, desempenhou a função de vice-presidente da classe 141 (borracha). Já nos júris de grupo, Huber foi o vice-presidente do grupo XV (silvicultura e indústria florestal), enquanto Abreu desempenhou papel de presidente do grupo XXII (couros e indústrias diversas), sendo o único brasileiro a ocupar tal posição (Sanjad; Castro, 2016). As áreas ocupadas pelos representantes do Pará no júri possuíam grande importância econômica para o estado, uma vez que nelas estavam inseridos produtos como a borracha e outros oriundos da indústria florestal.

Este espaço conquistado pelo Brasil e pelo estado do Pará no júri foi bastante significativo, tendo seus reflexos no quadro de premiações, tanto nacional quanto paraense. Por exemplo, no grupo da silvicultura e indústria florestal, os 365 expositores brasileiros conquistaram 313 prêmios, sendo a maior premiação de toda a mostra para esse grupo. Já no grupo de couros e indústrias diversas – no qual a borracha estava incluída –, o país obteve 113 prêmios, sendo todos os expositores desse grupo contemplados, colocando o Brasil em segunda posição, atrás apenas da Itália, a qual conquistou 154 prêmios para 154 expositores (Sanjad; Castro, 2016). Neste grupo, o Pará teve destaque em virtude dos produtos advindos da extração do látex, reunindo um total de 20 prêmios, incluindo um Hors Concours para Jacques Huber e as amostras botânicas do Museu Goeldi. De acordo com o relatório, o Pará participou do certame com 126 expositores, os quais, segundo a análise dos delegados estaduais, poderiam ser divididos em três grupos: 1) 22 municípios que apresentaram produtos da indústria extrativa, da pequena indústria florestal e da agricultura (incluindo farinha e tabaco); 2) os particulares do interior do estado, que expuseram produtos da mesma natureza dos primeiros; 3) os expositores da capital, que expuseram produtos da indústria manufatureira, indústria alimentícia e indústria farmacêutica, entre outros artigos (O Estado..., 1911, p. 21).

Toda esta estratégia foi realizada com certo sucesso. Além de bons prêmios, ela rendeu ao Pará importantes chances de negócios, a exemplo da proposta de compra de todo o mostruário de borracha por parte de uma empresa italiana, assim como a procura por informações relacionadas às madeiras por representantes de diversos países. Segundo Sanjad e Castro (2016),

após a divulgação da premiação e auferida a superior qualidade dos produtos amazônicos por meio de um extenso rol de Grandes Prêmios e Medalhas de Ouro, o comissariado brasileiro recebeu uma proposta de compra de todo o mostruário de borracha por parte de uma empresa italiana, o que era um excelente indício de que os investimentos feitos na exposição iriam ser revertidos em benefício do comércio entre os dois países, isto é, de que a aposta em um mercado alternativo para a borracha amazônica, feita pelo governo paraense, era viável. O mesmo aconteceu com a madeira, objeto de pedidos de informações por parte de empresários e representantes de vários países, dos estados Unidos à Pérsia (Sanjad; Castro, 2016: 157).

Apresentada como objetivo principal do estado do Pará na exposição de Turim, a propaganda da borracha regional mereceu destaque durante o evento, sendo para isso preparado um stand exclusivo – conforme podemos observar na imagem abaixo –, cuja intenção era mostrar da melhor forma possível todas as etapas da cadeia produtiva da indústria gomífera, desde a classificação botânica das espécies produtoras de látex, passando pelas sementes de seringueira, o habitat, os tipos de corte e a extração do látex, o processo de defumação, as técnicas e tecnologias para obtenção de uma melhor qualidade do produto, os tipos de borracha e suas origens, até chegar ao produto final e suas utilidades, além das perspectivas para o futuro da referida produção. A variedade e a qualidade das borrachas e de artigos que delas procediam “abrilhantaram” a participação estadual no evento, sobretudo o sistema de produção da goma elástica e as amostras de maior volume, pelas quais o público “deixa-se naturalmente impressionar” (Castro, 2021).



Vista do “Stand” da Borracha do Pará. Exposição de Turim, 1911. Fonte: (O Estado..., 1911)

De acordo com o relatório da delegação paraense, não somente a produção gomífera originária da região amazônica se destacou, mas também a de outros estados, como Mato Grosso, Bahia, Pernambuco, Piauí e Minas Gerais. No entanto, nenhum dos estados citados superou a relevância atribuída à produção da borracha paraense, a qual apresentou um espaço exclusivo destinado à exibição desta matéria-prima, seu processo de manufatura e sua transformação em artigos com função utilitária para o mercado.

O “Stand” da Borracha do Pará, como nos mostra a imagem, era constituído por diversos exemplares de bolas, pranchas ou blocos, de peles ou lâminas de borracha e caucho, das mais variadas qualidades – desde o “sernamby” até a denominada “tipo Pará”, a qual era considerada

uma das melhores. Vale ressaltar que esta última não era produzida exclusivamente no estado, sendo também comum no Amazonas. Além disso, outro tipo de borracha, de qualidade ainda mais superior, era produzida no Acre e denominada “Para hard cure” (O Estado..., 1911: 76). Ainda analisando a imagem, verifica-se a presença de outros objetos no stand, a exemplo da máquina de defumar borracha, ao lado direito da imagem, assim como o mostruário com modelos de machadinhos e facas para o corte da seringueira. Entre elas estava a faca inventada por Jacques Huber. Mais à frente do stand, ao lado direito, verifica-se amostras de lâminas de borracha obtidas por meio do processo de Cerqueira Pinto. Estas foram algumas das invenções que obtiveram destaque e foram premiadas durante a exposição de Turim¹¹.

Também é possível notar no mostruário diversas exsiccatas de espécies gomíferas, além de amostras de sementes de seringueiras e fotografias sobre os novos procedimentos para a extração do leite, e experimentos relacionados ao cultivo da seringueira. Neste sentido, ao analisarmos a estrutura deste espaço expositivo é possível notar o seu caráter pedagógico ao tentar retratar o universo da indústria gomífera: as amostras de espécies de *Hevea*; a coleção de sementes; os vários tipos de borracha; as fotografias; entre outros objetos que tinham o intuito de fornecer uma ideia geral de como funcionava a cadeia produtiva da goma elástica na Amazônia. Vale ressaltar que, a participação do Museu Goeldi foi fundamentalmente importante neste sentido.

Embora o contexto regional no ano de 1911 tenha sido permeado por significativa dificuldade econômica, em especial para os estados do Pará e Amazonas, a representação paraense na exposição de Turim, apontada por seus idealizadores como uma “representação condigna”, obteve repercussão positiva, na medida em que o Pará angariou 255 prêmios, 189 a mais em relação à exposição de Bruxelas, ocorrida no ano anterior. Paradoxalmente, todos os esforços políticos, econômicos e científicos destinados à representação do Pará no certame italiano foram insuficientes para atender ao principal objetivo do governo: o restabelecimento econômico do estado e a ampliação do comércio com a Itália.

Considerações finais

O contexto da *belle époque* apresentou inúmeros artifícios que buscavam representar de forma tangível o ambiente de progresso material, econômico e cultural que o mundo vivenciava, sobretudo a Europa. Entre os principais artifícios, estavam as exposições internacionais ou universais, não à toa reconhecidas, entre outros adjetivos, como as “grandes festas da modernidade”. Tais eventos foram importantes para a então realidade brasileira, na medida em que serviram, estrategicamente, como palco para que o país exibisse as suas potencialidades culturais, políticas e econômicas para o mundo.

As exposições, sem sombra de dúvida, contribuíram de forma significativa para que o Brasil pudesse mostrar-se da forma como gostaria de ser visto no exterior. Isso não significou, contudo, que a imagem divulgada correspondia à realidade de um país que tentava deixar para trás, por exemplo, uma história de 300 anos de escravidão. Em contraposição, tais eventos também se configuraram como a oportunidade ideal para a exibição de uma nação que prosperava economicamente com o café, na sua parte sudeste, e com a borracha, no Norte.

Seguindo a tendência nacional, os governos da região amazônica também aproveitaram a oportunidade que estes grandes certames internacionais criaram para forjar uma imagem moderna e progressista, tendo a atividade extrativa como a sua principal vitrine econômica. No início do

¹¹ Para mais informações sobre estas invenções para o beneficiamento da borracha amazônica, consultar Castro, Anna Raquel de Matos (2021). *Ciência, Política e Propaganda: a representação paraense da Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim (1911)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil.

período republicano, a participação da região nestes certames foi mais frequente e ativa, período em que a economia regional experimentou significativas oscilações no mercado internacional em torno da produção de borracha, registrando alguns intervalos de tempo considerados economicamente críticos, sendo o ano de 1911 um marco no que concerne ao colapso econômico.

O ano de 1911, historicamente marcado como o momento de alerta econômico para a região em virtude da forte desvalorização da borracha amazônica no mercado internacional, também foi significativo em termos políticos, como demonstramos ao analisar a participação do Brasil e do estado do Pará na Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim. Neste evento, mesmo diante de todo o contexto de colapso financeiro regional, o estado do Pará obteve o seu melhor desempenho em exposições internacionais, angariando número significativo de premiações em relação aos seus produtos. Neste sentido, é possível afirmar que o estado do Pará e a região amazônica, assim como o restante do país, forjaram uma imagem de território em franco progresso material, moderno e de acordo com o padrão de civilização que a “bela época” europeia exigia. Os investimentos feitos pelo governo do Pará tiveram como objetivo tornar crível a ideia de que o estado era partícipe do rol das nações civilizadas, condição para que conquistasse vantagens econômicas significativas.

Nesse processo, foram articulados diversos “recursos” para servir como meio de convencimento, externo e interno, no intuito de legitimar o tão almejado progresso material, ainda que a realidade regional e local impusessem limitações para a concretização de tal objetivo. Neste sentido o Pará tentou, politicamente, forjar e difundir uma imagem de modernidade e civilização, utilizando, como principal recurso, a ciência, através da figura de um cientista (Jaques Huber) e de uma instituição científica (Museu Goeldi). Essa foi a estratégia de convencimento e legitimação da referida imagem, que pretendia propagandear, sobretudo no exterior, o potencial econômico da região amazônica. No entanto, mesmo diante de todos os esforços do governo estadual para conter a crise, a decadência econômica regional, que tinha na borracha o seu principal investimento, foi inevitável.

Referências

- A Província de Pará. Belém, núm. 10870, p. 1, 29 jul. 1910.
Aviso-circular comunicando ao Governo do Estado do Pará a resignação do cargo de diretor do Museu Estadual de Historia Natural e Ethnographia, pelo Dr. Emilio Goeldi, e a admissão do Dr. Jacques Huber para o mesmo cargo. Belém, 21 de março de 1907.
- Barbuy, H. (1995). *A Exposição Universal de 1889 em Paris: visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: edições Loyola.
- Batista, L. M. (2004). *Muito Além dos Seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará (1850-1870)*. 2004. 283 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Boletim dos Produtos Destinados à Exposição Universal de Turim. [19?]. Série Congressos e Exposições – Exposição de Turim.
- Castro, A. R. M. (2013). *Ciência, Política e Propaganda: a representação paraense na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim (1911)*. 2021. 248 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Castro, A. R. M. (2013). *Do Ponto de Vista do Cientista: Jacques Huber e a borracha na Amazônia (1907-1914)*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém.

- Coelho, A. C. A. (20105). *Barão de Marajó: um intelectual e político entre a Amazônia e a Europa (1855-1906)*. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém.
- Coelho, G. M. (2011). “Na Belém da Belle Époque da Borracha: dirigindo novos olhares (1890-1910)”. *Revista Escritos: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, vol. 5, núm. 5, p. 141-168.
- Coletta, C. D. (2006). *World's fairs, Italian style: the great exhibitions in Turin and their narratives, 1860-1915*. Toronto: University of Toronto Press.
- Cribelli, T. (2007). “‘Civilizar’, ‘Moralizar’ e ‘Aperfeiçoar’: debates e projetos para a modernização da Nação”. In: *24º Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo.
- Dean, W. (1989). *A Luta pela Borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel.
- Hardman, F. F. (2005). *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hobsbawm, E. J. (1996). *A Era do Capital (1848-1875)*, 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. J. (1998). *A Era dos Impérios (1875-1914)*, 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Instruções Preliminares para a Escolha dos Produtos Paraenses Destinados à Exposição de Turim (1911). [1911?]. Museu Paraense Emílio Goeldi. Fundo Jacques Huber (1907-1914) – Congressos e Exposições – Exposição de Turim.
- Jornal A província do Pará. “O Pará em Turim”. núm. 10.865, col. 3, p.1. 03 ago. 1910.
- Jornal Folha de Norte. “O Pará em Turim”. Belém, núm. 4643, col. 3, p. 1, 01 abr. 1910. Pertencente a Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.
- Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, núm. 11825, p. 1, 1 maio 1911. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br>. Acesso em: 30 de janeiro de 2021.
- Levra, U; Roccia, R. (eds.) (2003). *Le esposizione torinesi 1805-1911. Specchio Del progresso e macchina Del consenso*. Turim: Archivio Storico della Città di Torino.
- Lloyd, R. et al. (1913) *Impressões Sobre o Brazil no século XX: sua historia, seo povo, commercio, industrias e recursos*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company.
- Martins, M. (2017). “O impacto das Exposições Universais do século XIX para as relações econômicas brasileiras e o avanço tecnológico: uma análise sobre a participação das províncias”. In: Congresso Brasileiro de História Econômica e 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, 12., 2017, Niterói. Anais [...]. Niterói. Disponível em: <http://www.abphe.org.br>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- Neves, M. S. (1988). “As Arenas Pacíficas”. *Revista Gávea: Revista de História da Arte e Arquitetura*. Rio de Janeiro, vol. 5, p. 29-41.
- O Estado do Pará na Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim. 1911. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. João Antônio Luiz Coelho, governador do estado, pela delegação paraense. Imp. Kauffman & Cª. Paris.
- O Paiz. núm. 9330, col. 7, p. 2, 1910a. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- O Paiz: jornal. [s.l.], [s.n.], núm. 8715, col. 3-5, p. 3, 1908.
- Pesavento, S. J. (1995). “Muito além do espaço: por uma nova história cultural do urbano”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, núm. 16, p. 279-290.
- Pesavento, S. J. (1994). “Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal da Filadélfia de 1876”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. vol. 2, p. 151-167 jan./ dez.
- Sanjad, N. R. (2010). *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.

- Sanjad, N. R. (2017). “Exposições Internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina”. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 24, núm. 3, p. 785-826, jul./set.
- Sanjad, N. R. (2003). “Jacques Huber (1867-1914) e a botânica amazônica: notas preliminares para uma biografia intelectual”. In: Jardim, M. A. G.; Bastos, M. N. C.; Santos, J. U. M. (eds.). *Desafios da Botânica Brasileira no Novo Milênio: inventário, sistematização e conservação da diversidade vegetal*. Belém: MPEG/UFRA/EMBRAPA, p. 11-16.
- Sanjad, N. R.; Castro, A. R. M. (2016). “Comércio, política e ciência nas exposições internacionais: O Brasil em Turim, 1911, Parte II”. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 32, núm. 58, p. 141-173, jan./abr.
- Sanjad, N. R.; Castro, A. R. M. (2015). “Comércio, política e ciência nas exposições internacionais: o Brasil em Turim, 1911, Parte I”. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 31 núm. 57, p. 819-861, set./dez.
- Schwarcz, L. M. (1998). *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, M. F. F. (1996). *Do Regional ao Nacional: Pará (1850-1914)*. 1996. 391 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Smith Júnior, F. P.; Garvão, R. F. (2013). “Economia e Política na Amazônia Brasileira (séculos XIX e XX)”. *Revista Estudos Amazônicos*. Belém, vol. 9, núm. 1, p. 157-179.
- Tavares, M. G. C. (2008). “A Formação Territorial do espaço Paraense: dos fortes à criação de municípios”. *Revista ACTA Geográfica*. [s.l.], vol. 2, núm. 3, p. 59-83, jan./jun.
- Torelli, L. S. (2004). *A Defesa do Café e a Política Cambial: os interesses da elite paulista na Primeira República (1898-1920)*. 2004. 144 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas.
- Weinstein, B. (1993). *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850- 1920)*. São Paulo: HUCITEC, EdUSP.